



## A PRESENÇA DA LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO PNBE: REFLEXÕES SOBRE O ROMANCE O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO, DE MIA COUTO

Aluska Silva Carvalho

*Universidade Federal de Campina Grande*

### **Introdução**

A cultura africana está intimamente ligada à cultura brasileira porque dela faz parte e constitui nossa miscigenada nação. No entanto, pouco se conhece sobre a identidade e a cultura desses países irmãos, que viveram um longo processo de escravização e submissão à metrópole portuguesa e que sofreram e sofrem grandes guerras civis. Nesse contexto de reconhecimento e de valorização da cultura afro, foram somados esforços no sentido de se fazer conhecer mais sobre a cultura e a produção intelectual desses povos africanos, no âmbito educacional ocorreu através da Lei 10.639/2003 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação tornando obrigatório o ensino da cultura e da história afro-brasileira na educação básica. No âmbito dos estudos literários foi crescente o interesse de se ler e difundir produções de autores africanos nas academias e na educação básica, de modo que o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) seleciona, desde 2008, obras de diversos gêneros da cultura africana.

O interesse em estudar o romance *O último voo do Flamingo* de Mia Couto surgiu justamente na seara dessa distribuição de obras do PNBE e da necessidade de indicar um romance para a leitura em uma disciplina. Descobri, ao iniciar a preparação para a disciplina Literatura Africana que ministraria no semestre 2016.1 na Universidade Federal de Campina Grande, que o PNBE, desde 2008 selecionava obras da literatura africana de língua portuguesa e que essas obras estavam circulando nas bibliotecas escolares, desse modo se fazia necessário que os alunos que estavam matriculados nesta disciplina, além de terem um panorama geral de importantes autores da literatura africana, pudessem ter acesso a textos que podiam ser trabalhados nas salas de aula da educação básica.

É neste contexto, surge o presente trabalho, que tem como objetivo apresentar alguns



aspectos composicionais e temáticos da obra, de modo que se possa conhecer, ler e se deleitar com o romance coutiano em sala de aula.

## O PNBE e a literatura africana

O Programa Nacional Biblioteca na Escola surgiu em 1997 com o intuito promover o acesso à cultura e incentivar à leitura dos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito de forma alternada: ou são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos, ou são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar. A seleção dos livros é feita de forma criteriosa e visa adquirir livros com qualidade textual, temática e gráfica.

Rildo Cosson faz parte da comissão avaliadora das obras do PNBE e, na conferência de encerramento do IV ENLIJE, em 2014, e deixa bem clara a importância do professor conhecer o acervo existente em suas escolas e criar metodologias e estratégias de trabalho com esses textos literários, entendendo que essa responsabilidade é do professor e não do programa. A análise do monitoramento e da recepção dessas obras pelos leitores ainda não é realizada, chamada de “etapa ausente” pelo autor, que lamenta:

(...)o relativo desconhecimento dos acervos por parte dos gestores, professores e alunos, que, em geral, não distinguem os textos literários dos didáticos; a existência de escolas sem bibliotecas ou com “armarioteca” e a presença simbólica da chave que mantém os livros inacessíveis em algum lugar; o uso ancilar da obra literária em relação ao livro didático; a ausência de um projeto pedagógico na escola que tomasse a leitura como central na produção do aluno e sobretudo a necessidade da formação docente para trabalhar com os acervos(...) (CARVALLHO et al, 2015, p. 18)

O PNBE tem uma seleção criteriosa e diversificada de livros, é financiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Secretaria da Educação Básica e Ministério da Educação, e constitui-se como um importante instrumento de disseminação da literatura de todos os gêneros e para todas as faixas etárias. No entanto, a falta de preparo e monitoramento faz com que estas obras fiquem “engavetadas” nos porões das escolas ou que sejam encontradas ao “acaso” por

algum aluno leitor, que talvez com o auxílio do professor ou de um trabalho coletivo na sala de aula, pudesse ampliar as discussões suscitadas.

Como dito na nossa introdução, as obras da literatura africana de Língua Portuguesa foram contempladas no programa apenas a partir de 2008. Esse hiato de 11 anos tem cunho político. Só em 2003 foi sancionada uma lei (10.639/2003) que alterou a LBD 9.394/96 tornando obrigatório o ensino da história e da cultura africana nas escolas brasileiras de ensino fundamental e médio. Os conteúdos foram sugeridos para serem trabalhados em toda a grade curricular, especialmente nas disciplinas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira. Desse modo, cinco anos após a sanção da lei, são introduzidas obras que retratem a história e a cultura afro.

Embora tenha entrado no acervo de 2008 obras que tematizavam questões africanas ou afro-brasileiras, seus autores ainda não eram dos países de língua portuguesa. A maioria dos autores era brasileira, um nigeriano, outro da África do Sul. Em 2009 vemos figurar os nomes de Agualuza, Mia Couto e Manuel Rui pertencentes aos “países irmãos” que são: Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Moçambique. Segue quadro com as obras, a partir de 2009:

<b>PNBE 2009</b>	<i>Manual Prático de Levitação</i>	José Eduardo Agualuza
<b>PNBE 2009</b>	<i>Nação crioula</i>	José Eduardo Agualuza
<b>PNBE 2009</b>	<i>O Vendedor de Passados</i>	José Eduardo Agualuza
<b>PNBE 2009</b>	<i>Quem me dera ser onda</i>	Manuel Rui
<b>PNBE 2009</b>	<i>O outro pé da sereia</i>	Mia Couto
<b>PNBE 2010</b>	<i>NINA ÁFRICA - CONTOS DE UMA ÁFRICA MENINA PARA NINAR GENTE DE TODAS AS IDADES</i>	Arlene De Holanda Nunes Maia Maria Lenice Gomes D Silva-Clayson Gomes De Almeida

PNBE 2011	<i>Contos africanos dos países de língua portuguesa</i>	Luis Bernardo Honwana - Albertino Bragança - Nelson João Pedro Saúte - Antonio Emilio Leite Couto - Maria Odete da Costa Soares Semedo - Henrique Teixeira de Sousa - Ndalú de Almeida - Boaventura Cardoso - José Eduardo Agualusa Alves da Cunha - Luandino Vieira
PNBE 2011	<i>O príncipe medroso e outros contos africanos.</i>	Pilar Millan - Anna Soler-Pont
PNBE 2011	<i>Omo-oba: histórias de princesas</i>	Kiusam Regina de Oliveira
PNBE 2011	<i>Meus contos africanos</i>	Nelson Mandela
PNBE 2013	<i>Há prendizagens com o xão</i>	Ondjaki
PNBE 2013	<i>Poesia africana de língua portuguesa, Antologia</i>	Maria Alexandre Dáskalos, Livia Apas e Arlindo Barbeitos
PNBE 2013	<i>O último vôo do flamingo</i>	Mia Couto
PNBE 2013	<i>A tatuagem - conto do povo Luo</i>	Rogério Andrade Barbosa - Mauricio Negro

A partir do quadro acima apresentado, podemos observar a excelente qualidade de acervo literário que escolas participantes do PNBE desde 2009 têm em suas bibliotecas e queremos ressaltar a importância de se conhecer e ler essas obras em sala de aula.

Mia Couto, autor moçambicano da obra que iremos apresentar só não aparece no acervo de 2010, que apresenta apenas uma obra literária e que é escrita por um grupo autoras brasileiras. Apresentaremos agora um pouco do autor e da obra escolhida para análise, distribuída pelo PNBE na edição de 2013.



## Pelas ruas de Tizangara

*Do que me lembro jamais falo.  
Só me dá saudade o que nunca recordo.  
Do que vale ter memória  
se o que mais vivi  
é o que nunca se passou?*  
Fala de Sulpício

O último voo do Flamingo foi escrito por Mia Couto, o Mia Couto. Para não nos alongarmos na biografia do autor, facilmente encontrada na internet, quero destacar apenas que Mia Couto é o único autor africano membro da Academia Brasileira de Letras (eleito em 1998), tem suas obras são traduzidas e publicadas em 24 países e seu romance, Terra Sonâmbula é considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. Ele tem obras publicadas nos gêneros: poesia, conto, crônica, romance e literatura infantil, sendo um importante nome no cenário da literatura contemporânea.

Tizangara é uma vila fictícia que parece ser pertencente ao país de Moçambique pós-colonial. Mesmo livres de Portugal, sabe-se que, historicamente, os países africanos enfrentaram (e ainda enfrentam) um cenário de guerra civil onde ainda morrem muitas pessoas e que impede o desenvolvimento econômico e social. Tizangara metaforiza o fim de um povo, assolado pela destruição e pobreza extrema. Talvez o que marcará e impactará é o início do livro, que é cômico causa estranhamento: “Nu e cru, eis o facto: apareceu um pênis decepado, em plena Estrada Nacional, à entrada da vila de Tizanga. Era um sexo avulso e avultado. Os habitantes relampejaram-se em face do achado. Vieram todos, de todo o lado.” (COUTO, p. 15).

O fato é intrigante e incomum para início de narrativas, pensando em um modo “mais clássico” de se contar histórias. Acredito que, pensando em um leitor do ensino médio, (O PNBE classifica a obra para a terceira série do ensino médio, mas nada impede de ser lido em outras séries do EM) começar a narrativa pelo clímax tornará o aluno um leitor investigativo, que obviamente querará ser conduzido para o desvendamento do mistério. É aí onde entra a resignificação da narrativa, pois a procura da pessoa que teve o seu pênis decepado levará o leitor ao encontro de outros mistérios de Tizangara: “Em Tizangara só os factos são sobrenaturais” (p. 15). Logo se percebe que a narrativa toma caracteres fantásticos e indo além do que pensamos ao lermos o



primeiro capítulo.

O narrador do romance vai se desnudando para o leitor no decorrer da narrativa. Ele enquadra-se na tipologia de narrador-personagem, não tem nome, recebe uma nomeação, a de tradutor oficial de Tizangara. Ele irá acompanhar todo o caso envolvendo o desaparecimento do pênis traduzindo a língua de Tizangara para um investigador italiano enviado da ONU, Massimo Risi. A figura da tradução é importante para entendermos os movimentos da personagem principal, pois ele conduz Massimo no entendimento dos acontecimentos sobrenaturais que se desenvolvem no decorrer da narrativa, o que acaba sendo explicado também para os leitores.

Uma possibilidade interessante para o trabalho deste romance nesta altura dos acontecimentos, é dividir a turma, dando “entradas” de leitura, Por exemplo: um grupo pode se encarregar de ler a narrativa na tentativa de desvendar o mistério inicial, outro de entender quem é o narrador personagem e outro de seguir os passos de Massimo Risi. No decorrer da leitura, pode-se ir apresentando os resultados de cada busca. Essa estratégia fundamenta-se em Cosson (2014) quando discorre sobre os círculos de leitura literária.

Como dissemos, há algumas passagens nas quais o efeito do fantástico e a metáfora são elementos importantes para a tessitura do romance. Destacaremos então duas histórias: a primeira, a explicação do “último voo do flamingo” que dá nome ao livro; e a segunda que narra o desaparecimento da cidade.

A história dos flamingos foi contada pela mãe do tradutor, a qual ele passou algum tempo sem vê-la. Como memória infantil, essa história sempre permeou os pensamentos do narrador-personagem: “ – Antes de ir, mãe, me lembre a estória do flamingo.” (...) Então ela contou. Eu repetia palavra por palavra, decalcando sobre a voz cansada dela. Rezava...” (p. 113). A explicação do último voo do flamingo é, para mim, a mais bela passagem do livro, pois metaforiza a morte e o nascimento do primeiro crepúsculo vespertino e o nascer da primeira noite. Após despedir-se dos animais da floresta, o flamingo decide fazer o seu mais primoroso voo:

Então, o flamingo se lançou, arco e flecha se crisparam em seu corpo. E ei-lo, eleito, elegante, se despindo do peso. Assim, visto em voo, dir-se-ia eu o céu se vertebrara e a nuvem, adiante, não era senão alma de passarinho. Dir-se-ia mais: que era a própria luz que voava. E o pássaro ia desfolhando, asa em asa, as transparentes páginas do céu. Mais um bater de plumas e, de repente, a todos pareceu que o horizonte se vermelhava. Transitava de azul para tons escuros, roxos e liláceos. Tudo se passando como se um incêndio. Nascia, assim, o primeiro poente. Quando o flamingo se extinguiu, a noite se estreou naquela terra. Era o ponto final. No escurecer, a voz de minha mãe se desvaneceu. Olhei o poente e vi as aves carregando o sol, empurrando o dia para outros aléns. (COUTO, p. 11-115)



A passagem descrita é importante para uma abordagem em sala de aula por fazer uma relação direta com o título e por tratar de alguns elementos de composição da narrativa, como a metáfora, que pode ser retomada neste momento da narrativa. Outro fato importante que ocorre ao fim dessa história é a morte da mãe do tradutor, o que vale uma análise da relação familiar conturbada que tinha nosso personagem principal.

Partimos para o capítulo final do livro. Nele encontraremos o maior elemento fantástico e a maior metáfora que é problematizada durante toda a narrativa: o desaparecimento da cidade de Tizangara. O primeiro elemento fantástico presenciado pelo personagem principal e depois por Massimo Risi é o “desossamento” de Suplício, pai do Tradutor:

Nesta noite, meu pai se adentrou no escuro após a refeição. Seguiu para junto do rio, entre capins mais altos. Pela primeira vez eu o segui espiando, a espreitar a verdade de sua fantasia de pendurar o esqueleto. Foi então que, por trás dos arbustos, me surpreendeu a visão de arrepiar a alma: meu pai retirava do corpo os ossos e os pendurava nos ramos de uma árvore. Com esmero e método, ele suspendia as ossadas, uma por uma, naquele improvisado cabide. (COUTO, p. 211)

O ato de Suplício é tido como uma verdade na narrativa, o que constitui a verossimilhança do acontecimento. Para os três personagens envolvidos na ação, o Tradutor, Suplício e depois Massimo, o que acontece é real. Todorov (1979 apud SANTOS, 2007) diz que o fantástico “é a hesitação experimentada por um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural (...) ‘quase cheguei a acreditar’: eis a melhor fórmula que melhor resume o espírito do fantástico”. Desse modo, essa autorização dos personagens, nos leva enquanto leitores a acreditar que Suplício de fato “pendurava seus ossos” todas as noites, como narrado em alguns momentos da obra e se confirmado com o olhar do Tradutor, seu filho.

Esta última noite, ainda releva outros mistérios. “Olhei para o lado e quase desfaleci: ali mesmo, onde estava a terra, não havia nada senão um imenso abismo. Já não havia paisagem, nem sequer chão. Estávamos na margem de um infinito buraco.” (COUTO, p. 214-215). A partir deste momento, observamos que toda a cidade morre, os únicos sobreviventes estão na berma do rio a olhar o nada. Essa passagem constitui-se uma alegoria do fim de uma nação, o fim não geográfico, mas político e social, uma imagem dos países africanos de Língua Portuguesa em um cenário pós-colonial.

Hansen (1886, p. 02) diz que a alegoria “é procedimento intencional do autor do discurso; sua interpretação, ato do receptor, também está prevista por regras, que estabelecem com menor ou



maior clareza, de acordo com a circunstância do discurso”. Desse modo, podemos comprovar a relação desse desaparecimento da cidade com outro fragmento do próprio romance, ainda no capítulo final, após o acontecimento: “Já acontecera com outras terras de África. Entregaram-se o destino dessas nações a ambiciosos que governaram como hienas, pensando apenas em engordar rápido. (...) Tudo fora em vão: não havia melhora para aqueles países. Faltava gente que amasse a terra. Faltavam homens que pusessem respeito nos outros homens.” (p.216).

As duas histórias aqui destacadas são importantes para a leitura em sala porque, além de essenciais para o entendimento da obra, suscitarão do professor o trabalho com duas categorias importantes na construção do gênero romance, bem como das narrativas em um sentido mais amplo: a alegoria e o fantástico. Esses dois procedimentos podem ser trabalhados tanto nessa narrativa quanto em outras de autores brasileiros, como Moacyr Scliar, por exemplo.

## Considerações finais

Com o fim desta reflexão, iniciamos muitas outras, como as diferentes possibilidades do trabalho com o romance em sala de aula, sobretudo os da literatura africana de Língua Portuguesa. Percebemos que há esforços de disseminação desta cultura, através da lei e de programas de incentivo à leitura, e que como professores, precisamos conhecer cada vez mais obras, não só da literatura africana, como também da brasileira, da indígena, de tantas outras que refletem sobre diversas condições sócio históricas.

Defendemos que a literatura africana pode ser estudada sob múltiplos aspectos, não só o de reconhecimento da cultura, devemos ler e discutir as obras porque elas têm qualidade estética e temas interessantes para serem trabalhados na sala de aula.

Procuramos neste trabalho apresentar a obra *O último voo do flamingo* a partir de escolhas que julgamos interessantes como ponto de partida para um trabalho efetivo do texto literário em salas do ensino médio. Evidentemente que não conseguimos abarcar todos os temas e possibilidades de trabalho aqui nesta pesquisa, acredito que reside justamente aqui a importância e divulgação de trabalhos em eventos como o ENLIJE, para mostrar que o texto literário pode e deve chegar aos alunos da educação básica de forma integral, e não sob a visão fragmentária e conteudística que grande parte dos livros didáticos oferecem para o professor como possibilidade de trabalho.





## Referências

COSSON, Rildo. O PNBE e o desafio do leitor escolar. In: SILVA-CARVALHO et al (org.). **Políticas públicas de formação e avaliação de leitores, ensino de literatura e leituras**. Campina Grande: EDUFPG, 2015. p. 13-26

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COUTO, Mia. **O último voo do flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora**. São Paulo Atual, 1986.

SANTOS, Kléber José Clemente dos. **O Balé dos Canibais: Leitura de contos de Moacyr Scliar e vivência em sala de aula**. Dissertação. Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Letras, Pós Graduação em Linguagem e Ensino. Campina Grande, 2007.

PNBE: acervos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/acervos>. Acesso em: 20 jul 2016